

PHILIPPE LEJEUNE

## O PACTO AUTOBIOGRÁFICO DE ROUSSEAU À INTERNET

JOVITA MARIA GERHEIM NORONHA  
Organização

JOVITA MARIA GERHEIM NORONHA  
MARIA INÊS COIMBRA GUEDES  
Tradução

Belo Horizonte  
Editora UFMG

2008

*Uma Grande  
Pescada  
10/5/2008*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor: Ronaldo Tadeu Pena

Vice-Reitora: Heloisa Maria Murgel Starling

EDITORA UFMG

Diretor: Wander Melo Miranda

Vice-Diretora: Silvana Côser

CONSELHO EDITORIAL

Wander Melo Miranda (presidente)

Carlos Antônio Leite Brandão

Juarez Rocha Guimarães

Márcio Gomes Soares

Maria das Graças Santa Bárbara

Maria Helena Damasceno e Silva Megale

Paulo Sérgio Lacerda Beirão

Silvana Côser



# O PACTO AUTOBIOGRÁFICO, 25 ANOS DEPOIS

CÓRDOBA, 27 DE OUTUBRO DE 2001

Esse título comemorativo, que surgiu durante uma conversa entre Anna Caballé e eu, está me deixando, hoje, um pouco constrangido. Li alguns tratados de boas maneiras. A baronesa Staffe, por exemplo, diz claramente, em 1893: "É por generosidade que se deve evitar falar de si, ainda que seja para falar mal. Deve-se impedir o máximo possível a intervenção de seu eu, pois este é quase sempre um assunto que incomoda ou entedia os outros." Mas, na verdade, o que vou contar aqui é uma aventura teórica na qual minha importância é apenas circunstancial. Outro ponto delicado: partir do pressuposto de que vocês conhecem meus primeiros livros, *L'autobiographie en France*,<sup>1</sup> que não foi traduzido para o espanhol, e *Le pacte autobiographique*,<sup>2</sup> cujo primeiro e último capítulos foram traduzidos.<sup>3</sup> Por essa razão, tentarei descrever o conteúdo deles. Enfim, as datas que acabo de fornecer mostram que nos enganamos: não são "25 anos depois", mas "30 anos depois"! A definição de autobiografia e a idéia de "pacto" já eram centrais em meu primeiro livro, mas com outra função. É a história dessa transformação que vou retratar.

Recuo no tempo e olho para "30 anos atrás".

*L'autobiographie en France* é um pequeno livro muito simples, composto de três capítulos: "Definição" (defino a autobiografia em relação a outros gêneros), "História" (tento responder às seguintes perguntas: quando começa a história da autobiografia e como escrevê-la, forneço, em seguida, uma série de pontos

de referência) e "Problemas" (análise o pacto e o discurso autobiográficos, evoco os argumentos "a favor" e "contra" e situo a autobiografia em relação à psicanálise). Depois disso, vem a parte documental: um repertório, preparado a partir da definição, listando uma centena de autobiografias; uma bibliografia organizada; em seguida duas antologias: uma de "pactos autobiográficos" e outra de alguns textos críticos sobre autobiografia.

Por que escrevi esse livro? Para satisfazer uma paixão e preencher uma lacuna. "En mai, fais ce qui te plaît!"<sup>4</sup> Depois de maio de 1968, tornou-se possível na França traçar sua tese com seu *bobby*. O meu, desde sempre, isto é, desde que, aos 15 anos, comecei a manter um diário, foi a escrita autobiográfica. Em 1969, pediram-me para escrever um verbete sobre um gênero literário para uma enciclopédia temática. Fiz com que acrescentassem a autobiografia que não estava prevista na lista. A enciclopédia acabou mudando de formato e meu verbete não foi publicado. Mas, ao redigi-lo, tomei consciência de que na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, existiam estudos aprofundados sobre o gênero e que, na França, não havia praticamente nada. Decidi escrever o livro que gostaria de ter lido para redigir meu verbete. E, pouco a pouco, abandonei a tese que começara sobre outro tema, absorvido para sempre por um gênero que, quando o defini, não imaginava que teria para mim tão poucos limites...

Página 14: "Definição: denominamos 'autobiografia' a narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade."<sup>5</sup>

Folheio o resto do livro e fico bastante espantado. A definição não é realmente objeto de nenhuma análise aprofundada, mas é utilizada, sobretudo, para constituir um *corpus* baseado em um modelo estruturalmente rousseauiano. O propósito é claramente normativo. Página 21: "A autobiografia não pode ser simplesmente uma agradável narrativa de lembranças contadas com talento: ela deve manifestar um *sentido*, obedecendo às exigências frequentemente contraditórias de fidelidade e coerência."<sup>6</sup> Tenho um modelo, faço uma triagem, deixo à margem e descarto o que não corresponde, como sendo pré-história, subgênero secundário, avulso, detrito. Falo freqüentemente da "autobiografia tal qual a entendemos" etc. Ao mesmo tempo, esse procedimento é muito eficaz e talvez necessário! De fato, se eu tivesse sido

mais aberto, teria reunido um *corpus* imenso e confuso. Todo erro tem sua verdade. A identidade, aqui como em toda parte, é uma escolha. Essa focalização rigorosa de um setor limitado que decreto como sendo o “centro” me deu firmeza para observar o resto, classificá-lo, fazê-lo existir e traçar um primeiro mapa do país. Há uma deformação, mas há também um mapa! O que é impressionante é o vigor, a ausência de dúvida; conduzo com agilidade essa operação de seleção. Vejo meu *corpus* engordar, batizo meu território, com a alegria de alguém que explora uma ilha deserta, negligenciando talvez alguns rastros de antigos exploradores... Abro avenidas, faço loteamentos! Descubro a América! – lembro-me de como fiquei feliz!

Algo de essencial me guiava nesse trabalho: a recorrência obstinada de um certo tipo de discurso dirigido ao leitor, o que chamei “pacto autobiográfico”. Rapidamente, comecei a fazer uma antologia desses preâmbulos propiciatórios, desses juramentos, desses apelos ao povo, com a impressão de que já diziam tudo o que eu poderia dizer. Esse discurso continha fatalmente sua própria verdade: não era uma simples asserção, mas um ato de linguagem, performativo (ainda não conhecia o conceito), que fazia o que dizia. Era uma promessa. Acreditar nela não significava que eu era um tolo, nem um emólogo ingênuo que acreditava na verdade literal das lendas contadas pelos indígenas, mas que mergulhara na verdade dessa magia!

Não tive, pois, de inventar o pacto autobiográfico, uma vez que ele já existia, só tive de colecioná-lo, batizá-lo e analisá-lo.

Colecioná-lo. Meu livro propõe, em 60 páginas, uma antologia de cerca de 20 pactos, de Rousseau a François Nourissier. Dei a palavra aos autobiógrafos. Foi bem simples. Por que ninguém tinha feito aquilo antes? Porque as pessoas desconfiavam do pacto! O momento em que alguém nos prepara para suas confidências e tenta nos seduzir era certamente visto como uma fraqueza ou um ardil, que deveria ser lido com indulgência e não como um momento forte e verdadeiro. Eu confiei neles. Ficava deslumbrado com os dois preâmbulos das *Congrissões* de Rousseau, sobretudo com o primeiro, o que está no início do manuscrito de Neuchâtel, muito longo e explícito: ele anuncia uma tripla revolução, psicológica (um novo modelo de personalidade e um novo tipo de comunicação entre os homens), política (valor exemplar do

vívido do homem independentemente de sua posição social) e literária (é preciso inventar para a autobiografia uma nova linguagem). Escrito em 1764, esse texto não envelheceu nem um pouco. Pareceu-me instrutivo coletar declarações liminares de autobiografia. A retórica é de fato meio repetitiva, mas é como a retórica do amor: nessas situações, sempre se imprime nova força a palavras que já foram usadas. Essa era a parte do livro da qual mais me orgulhava, embora nenhuma palavra ali fosse minha. Era como se passasse minhas tropas em revista, ou antes, organizasse uma espécie de “coro” antigo do qual era o corifeu.

Batizá-lo. A expressão “pacto autobiográfico” figura em *L'autobiographie en France*.<sup>7</sup> A primeira vez que a empreguei, coloquei aspas, consciente de que era uma fórmula inédita. Em seguida, tirei as aspas, considerei que entrara na língua corrente. À medida que o livro avançava, a expressão foi subindo de posto até encabeçar a primeira parte da antologia. Por que as aspas? Algumas linhas antes, eu já as utilizara para dizer que a autobiografia era um gênero “fiduciário”, metáfora que remete ao vocabulário da economia e das finanças. A que remete “pacto”? Certamente a uma idéia jurídica de “contrato”, mas evidentemente também lembra uma aliança mística ou sobrenatural – um “pacto com o Diabo”, assinado com o próprio sangue.... É um pouco exagerado, mas esse excesso, que dá asas à imaginação, assegurou o sucesso da fórmula. Não sou um teórico revolucionário, mas antes um publicitário que teve uma boa idéia, como aquele que inventou *La vache qui rit*.<sup>8</sup> Voltemos ao aspecto jurídico: uma das críticas feitas à idéia de pacto é que ela supõe a reciprocidade, um ato em que duas partes se comprometem mutuamente a fazer alguma coisa. Ora, no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Isso é verdade. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo,

o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples idéia incomoda. À diferença de outros contratos de leitura, o pacto autobiográfico é contagioso. Ele sempre comporta uma fantasia de reciprocidade, vírus que vai pôr em estado de alerta todas as defesas do leitor. Releiam o fim do preâmbulo publicado das *Confissões*: "Que chacun d'eux découvre à son tour son cœur aux pieds de ton trône avec la même sincérité" [Que cada um deles, por sua vez, desvele o coração diante de teu trono, com a mesma sinceridade].<sup>9</sup> O que nunca foi perdoado a Rousseau não foi a loucura de crer que estava só, que era único e diferente dos outros homens, mas a sabedoria de aconselhar a cada um deles para varrer primeiro a frente de sua própria porta...

Analisá-lo. Esse é o ponto sensível. Releendo meu primeiro livro, fiquei impressionado não apenas com seu posicionamento engajado e partidário, mas também com o fato de que não enxergara todas as implicações de minha "descoberta". Eu era jovem, tinha muito tempo diante de mim. Expliquei, mais adiante, a reviravolta que sofri para escrever *Le pacte autobiographique*. Antes disso, façamos, com meu olhar de hoje, o inventário das carências.

Lanço fórmulas brutais sobre as relações entre autobiografia e ficção que, hoje, rejeito. Vou me rater: "a autobiografia é um caso particular do romance e não algo exterior a ele."<sup>10</sup> Depois: "Como distinguir a autobiografia do romance autobiográfico? É preciso confessar que, se ficamos no plano da análise interna do texto, não existe *nenhuma diferença*."<sup>11</sup> Mais adiante: "Devemos ter em mente que a autobiografia é apenas uma ficção produzida em condições particulares."<sup>12</sup> Como pude escrever coisas assim? É claro que sou radical porque quero mostrar a importância do pacto: só ele faz a diferença. Mas sou radical demais. No próprio texto, existem muitas diferenças, ainda que o romance seja capaz de imitá-las. E, sobretudo, me confundo ao associar a narrativa à ficção, erro grosseiro. Hoje, sei que transformar sua vida em narrativa é simplesmente viver. Somos homens-narrativas. A ficção significa inventar algo diferente dessa vida. Li Paul Ricoeur (embora, às vezes, tenha dificuldade em compreendê-lo), sei que a identidade narrativa não é uma quimera.<sup>13</sup> E acabo de ler a tradução em francês, recentemente publicada, do livro de Dorrit Cohn, *Le propre de la fiction* [O próprio da ficção], cuja fórmula

implica haver algo próprio à biografia.<sup>14</sup> Não, a autobiografia não é um caso particular de romance, nem o inverso, ambos são casos particulares de construção de narrativa.

Segunda esquisitice: Como pude dizer: "o pacto autobiográfico é necessário [mas] não é suficiente."<sup>15</sup> Necessário, obviamente cabe ao autor declarar sua intenção, não ao leitor, fazer suposições, para que haja autobiografia. Mas não seria suficiente? Preciso de mais o quê? Decido então me transformar em "cão de caça" (este é o termo que emprego) para descartar do meu querido *corpus* textos que pertencem a categorias muito diferentes: textos de pacto impreciso, textos escritos a quatro mãos, textos que julgo mentirosos... Nesse ponto, estou errado: amalgamei textos que levantam problemas muito diferentes com o fim de expulsá-los em bloco de meu paraíso. A mania de selecionar me impede de levar adiante as análises esboçadas.

Outra cegueira, voltaremos ao assunto mais tarde: passo batido pelos meios de se estabelecer o pacto; fico deslumbrado, mas também ofuscado, pela força dos compromissos explícitos; não vejo que o compromisso pode ser assumido de outra forma, de fato, implicitamente, pelo simples emprego do nome próprio...

Tenho de fazer uma última confissão. Em *L'autobiographie en France*, há um parágrafo do qual me envergonho hoje e que deveria ser motivo suficiente para me expulsarem da muito democrática Association pour l'Autobiographie (APA) que fundei em 1992. Sou não apenas purista (seleciono um modelo estrito), mas também elitista. Vejam só:

...é praticamente impossível que alguém que não tenha nenhuma experiência de composição literária, e cuja vida nunca tenha sido expressa por algum tipo de criação, escreva uma autobiografia tal como a definimos. É pois bastante improvável que existam boas autobiografias inéditas escritas por desconhecidos: o que pode existir são crônicas, coletâneas de lembranças insipidas, porque a inexperiência em escrita leva fatalmente aos moldes existentes.<sup>16</sup>

Hoje, tenho vergonha dessa condescendência. Ela me traz lembranças ruins. Na época em que estava escrevendo *L'autobiographie en France*, menosprezei o talento de meu próprio bisavô, Xavier-Édouard Lejeune, comerciante e autor

de uma autobiografia cujo verdadeiro modo de leitura levei 10 anos para descobrir. Como fui idiota de pensar que ele não sabia escrever, quando era eu que não sabia ler! Tenhei me redimir publicando sua vida, juntamente com meu pai, Michel Lejeune.<sup>17</sup> E penso sempre em Xavier-Édouard quando releio essa declaração de Jean Dubuffet: “A arte não vem se deitar na cama que fizeram para ela, mas foge assim que pronunciaram seu nome! O que ela gosta é de permanecer incógnita. Seus melhores momentos são aqueles em que se esconde como ela se chama...”

Apesar de tudo, existe, em *L'autobiographie en France*, a audácia da juventude. Vou recorrendo meu *corpus* com definições afiadas, digo onde estão o norte e o sul, sou o mais claro possível, abro caminho para reflexões mais aprofundadas. Qual foi o destino do livro? A primeira edição (1971) esgotou-se, se me lembro bem, em 1978. Naquela época, pararam de publicar a coleção “U2” e o editor, durante quase 20 anos, se opôs sistematicamente a toda e qualquer reedição. Nesse ínterim, eu publicara *Le pacte autobiographique*, depois outros livros. Foi somente em 1998 que surgiu uma segunda edição de *L'autobiographie en France*. Mas poderia ser republicado tal qual? Em 27 anos, muita coisa acontecera: minhas perspectivas eram outras, o próprio objeto havia se transformado. A situação era difícil. Impossível atualizar o texto. Não se tratava de modificar uma palavra aqui, outra ali e acrescentar algumas referências, seria preciso reescrever tudo, fazer outro livro. Decidi então deixar, no início do livro, meu estudo de 1971 tal qual, sem mudar uma única vírgula. Mas era impossível, apesar de tudo, não atualizar! Ampliei então o repertório de textos autobiográficos (traindo meus ucaasses) e compus uma nova bibliografia, atualizada, que abrange a história oral, os estudos de gênero, os quadrimhos, Internet, tudo o que faz parte de nossa época. Essa nova edição é, pois, compôsta: mostra meu ponto de partida e meu ponto de chegada.

Volto no tempo: estamos em 1971, o livro é publicado e eu liberado. Ainda mais que estou deixando a Universidade de Lyon e tomando pé na nova Universidade de Villeurbanne – onde ainda estou. O concreto armado de Villeurbanne mal está acabando de secar e, como tudo é novo, meu amigo Jacques Lecarme e eu podemos elaborar novos programas e ensinar pela primeira vez a autobiografia: Rousseau, Gide, Sartre. Além disso, sem incluí-lo em meus cursos, mergulhei com paixão na leitura de Michel Leiris.

Todos esses escritores são inovadores e muito diferentes uns dos outros. Narrativa, dialética, poesia, todas as formas são mobilizadas em busca do eu, tudo é possível, podemos respirar.

Nesse ponto, abro um parêntese... pois acabo de visitar meu pai: Trive um escríptulo, uma iluminação... O que estou fazendo agora é autobiografia: releitura do livro de 1971, julgamento segundo meus critérios de hoje, hipóteses sobre sua gênese e a do *Le pacte autobiographique*, como passei de um ao outro... Então, por que não ir direto à fonte? Uma vez que estudo a autobiografia dos outros, por que não me apoiar em documentos que guardei de minha própria evolução? Pois conservei tudo. Não, de fato, um diário, mas minhas notas de leitura, minhas preparações de aulas, com a data. Posso então lhes dizer que vocês devem *Le pacte autobiographique* à Universidade de Villeurbanne, que me deixou livre para ensinar o que quisesse. Por exemplo, nessa pasta rosa: “Nova problemática da definição. Novembro de 1971.” Umás 20 páginas, 31 de outubro, 10 e 11 de novembro. Na página um, vejo que contraponho a autobiografia a todos os gêneros vizinhos, exceto à... biografia! Acho esse esquecimento inacreditável e recomego do início. Na página quatro, faço uma nova pergunta: “O autor não seria ele próprio um texto?” e assim o nome próprio, até ali negligenciado, me salta aos olhos. É a partir desses dois problemas que esboço um certo número de análises que vocês encontrarão em *Le pacte autobiographique*. Volto a Benveniste. Começo a tentar fazer esquemas. Vejo que tudo é bem mais complicado do que eu pensava. Mas sinto-me livre para começar outra pesquisa, não tenho mais de construir um *corpus*, não estou mais preso àquela espécie de “razão de Estado” que me entravava. De outro lado, sou estimulado por duas coisas: a idéia de que seria preciso, dentro de duas semanas, explicar tudo a meus alunos; e a embriaguez de entrar em um território novo, de dar nitidez a um campo nebuloso.

Abro um segundo parêntese. Fiquei surpreso com a história da recepção de meu estudo sobre o *Le pacte autobiographique*. De início, não houve praticamente críticas. Mas o livro foi criando pouco a pouco um público e a procura por ele, longe de diminuir, manteve-se, depois aumentou, a partir do início dos anos de 1980. Em 1996, foi publicado em edição de bolso, com um posfácio que evocava meus trabalhos anteriores. O estudo liminar que lhe deu o título foi traduzido em cerca de 12 línguas.

Ele vinha, portanto, suprir uma necessidade. Naturalmente, tive a chance de ter uma atrelagem de prestígio – Rousseau, Gide, Leiris, Sartre – que puxou o livro com vigor. Mas o que era uma vantagem na França, principalmente no meio escolar, era antes um inconveniente no exterior. Foi o estudo sobre o pacto que puxou o livro inteiro.

Esse estudo vinha suprir duas necessidades prementes: de definição e de método.

Todo mundo gosta de ter uma definição. Essa necessidade já tinha sido suprida por *L'autobiographie en France*. A vantagem de meus dois livros é que a definição está no início, em itálico: é logo vista e não há necessidade de se ler tudo. Fico perturbado quando se fala da definição da autobiografia segundo Philippe Lejeune: na verdade, ela pode ser encontrada em todos os bons dicionários. Tirei-a do *Larousse*, adicionando apenas uma restrição de campo para centrá-la no modelo rousseauniano: "a história de uma personalidade". Acho que o leitor fica contente quando se depara com uma definição que já conhecia, acrescida porém de uma pequena novidade e sacramentada por um batismo solene. Levei portanto para meu livro a definição dos dicionários, mas sobretudo, levei-a a sério. Definir alguma coisa significa dar-lhe valor. Incluí a palavra no título de meus dois livros, o que foi uma novidade: na França, ela não havia sido utilizada por nenhum livro de teoria, de crítica ou de história literária. Fiz isso duas vezes seguidas: o objetivo era ampliar o cânone universitário. A coleção "U", da editora Armand Collin, em 1970, tinha livros sobre os seguintes gêneros: drama, tragédia, comédia, romance, poesia, crítica literária e história. Propus acrescentar a autobiografia nesse teatro, mas modestamente, numa cadeira sobressalente, em uma coleção de formato menor que se chamava "U2". Na França, a história dos últimos 30 anos é a história do progressivo reconhecimento do gênero autobiográfico, no âmbito universitário, depois escolar: esse ano, pela primeira vez, a autobiografia está fazendo parte dos cinco temas de estudos obrigatórios para os alunos da última série do ensino médio. Passou a ter seu assento na banca examinadora do *baccalauréat*.<sup>18</sup> Todos os guias pedagógicos têm capítulos sobre o tema e como os alunos de hoje navegam na Internet, recebo muitos e-mails cominatórios me intimando a enviar, para um dever de casa a ser entregue na terça seguinte,

sem falta, tudo o que se deve saber sobre autobiografia! E eu obedeci!"

Forneci uma definição e estou contente que tenha agradado.

Uns ficam aliviados, outros reagem com indignação: minha definição às vezes parece estreita, sectária, arbitrária... Quanto a mim, faço parte daqueles que... reagiram. Como disse, já em novembro de 1971, mal o livro foi publicado, retomei o trabalho usando um método diferente. Em *Le pacte autobiographique*, a definição mudou de *status*. Ela deixou de ser um instrumento de trabalho para constituir um *corpus*: tomou-se um objeto de análise. A maneira mais simples de explicar essa mudança é ler o cardápio anunciado no início do livro:

– Como pode se expressar a identidade do narrador e do personagem na narrativa? ("Eu, tu, ele").

– No caso da narrativa "em primeira pessoa", como se manifesta a identidade autor-personagem-narrador? ("Eu abaixo assinado"). Aqui, terei oportunidade de diferenciar autobiografia e romance.

– Não haveria confusão, na maior parte dos raciocínios relativos à autobiografia entre a noção de *identidade* e a de *semelhância* ("Cópia autenticada"). Aqui, diferenciarei autobiografia e biografia.

As dificuldades encontradas nestas análises me levarão, em seguida, nos últimos dois ensaios ("O espaço autobiográfico" e "Contrato de leitura") a tentar mudar o foco do problema.<sup>20</sup>

Trinta páginas depois, faço um pequeno balanço, dizendo em que pontos pareço ter avançado e o que continua confuso, e proponho examinar o problema de outro ângulo, o da recepção. Não sou mais um agrimensur satisfeito por ter terminado seu trabalho, mas um pesquisador que tem consciência de estar apenas começando e que diz: "continua no próximo capítulo". Se tivesse de descrever (talvez idealizando) o método adotado nesse estudo e nos posteriores, daria a seguinte receita: Corte a definição em tiras bem finas; tente distinguir todos os parâmetros envolvidos; analise, um a um, cada parâmetro (contrato de leitura, enunciação, tempo, temática etc.) e estenda, na época visada, toda a gama de soluções possíveis; construa quadros de dupla entrada para construir modelos de todas as combinações possíveis; mas

não se esqueça de considerar a hierarquização variável desses níveis nos diferentes “gêneros” para evitar a redução mecanicista. O objetivo deixou de ser o estabelecimento de um *corpus*, com pontos fixos tranquilizadores, mas compreender a variabilidade histórica que se abre, ao mesmo tempo, para o passado e para o futuro: quantas combinações ainda não foram tentadas! Havia um fechamento em *L'autobiographie en France*, ao passo que o método analítico de *Le pacte autobiographique* me parece bastante aberto. Prova disso é que me serve até hoje para analisar meios de comunicação aos quais, em 1971, nem sonhava em me dedicar. Graças a ele, pude trabalhar, de maneira eficaz, espero, com o cinema e a Internet. Sempre fui fascinado pela história do quadro de Mendeleiev – mas, é claro, há algo que não funciona nessa analogia: em literatura, não existem elementos fixos...

De onde veio essa mudança radical de método? De uma mudança de modelo científico. Escrevi *L'autobiographie en France* inspirado principalmente em críticos ingleses (Roy Pascal, Wayne Shumaker), que não se preocupavam com questões teóricas, ou em filósofos como Georges Gusdorf. Em 1971, reii Benveniste. No outono de 1972, li com paixão *Figures III* [Figuras III, de Gérard Genette, que acabava de ser publicado. Um pouco mais tarde, descobri, graças a Todorov, os formalistas russos, em particular Tynianov e suas análises da variabilidade. Depois, fiquei deslumbrado com as disciplinas que se encontram nos dois extremos da lingüística: a fonologia (lembro-me como li com entusiasmo *Cinq leçons sur le son et le sens*, de Jakobson [Cinco lições sobre o som e o sentido]) e a pragmática (uma vez que o pacto autobiográfico é de fato uma promessa). Embora seja filho de um lingüista, só descobri a lingüística realmente depois de meus estudos universitários, com a paixão de um autodidata.

Essa mudança de atitude conduziu em duas direções: a autocrítica e a análise.

Desde o *Le pacte autobiographique*, no capítulo final “Autobiografia e história literária”, venho tentando retomar como objeto de estudo meus procedimentos partidaristas e normativos de *L'autobiographie en France*, usando um quadro, em que inscrevo todos os erros que podem ser cometidos quando se escolheu estudar e tornar-se especialista em um gênero, colocando no mesmo plano meus próprios erros e os dos outros. Meu objetivo não é condenar esses erros, mas compreender sua função

e sua... necessidade. Em um texto posterior (“O pacto autobiográfico (bis)”, *Moi aussi*, de 1986),<sup>21</sup> reitifiquei algumas asserções do “Pacto” que continuavam sendo normativas demais – mas, em alguns pontos, hoje, tenho quase vontade de reificar essas reificações: não tenho mais certeza de que estava tão enganado assim!<sup>22</sup> Por exemplo, explico firmemente, em *Le pacte autobiographique*, que a identidade é uma questão de tudo ou nada: uma identidade existe ou não existe. Em “O pacto autobiográfico (bis)”, amenizo as coisas, mostro as ambigüidades e transições que podem existir... Mas, será que a emissão e a recepção funcionam da mesma maneira? Quem recebe uma mensagem ambígua não pode ficar em cima do muro! Quase todas as autoficções são lidas como autobiografias. Quando eu disse “uma identidade existe ou não existe”, estava adotando, muito sabiamente, o ponto de vista do leitor... Essa é, aliás, a posição que assumo no início de *Le pacte autobiographique*: todas as análises são feitas a partir da recepção.

A autocrítica, como se vê, não é isenta de autocomplacência – temos de continuar vivendo! –, mas apenas uma das formas possíveis de manifestação desse desejo de análise. Nos anos seguintes, tentei estudar analiticamente uma série de gêneros “fronteiriços” ou de casos-limite: a autobiografia que finge ser uma biografia (a narrativa em terceira pessoa), a biografia que finge ser uma autobiografia (as memórias imaginárias), todos os mistos de romance e autobiografia (zona ampla e confusa que a palavra-valise “autoficção”, inventada por Doubrovsky para preencher uma casa vazia de um de meus quadros, acabou por abranger), a enunciação irônica e o discurso indireto, todos os casos em que um mesmo “eu” engloba várias instâncias (história oral, entrevista, textos escritos em colaboração etc.), depois as produções que associam a linguagem, capaz de dizer “eu”, a meios de comunicação que se mostram menos capazes de fazê-lo (como a imagem) etc. Nada disso impediu que continuassem a me olhar de cara feia: “mas... será que isso entra na sua definição?”, como se eu fosse um contrabandista de mim mesmo! O problema não é mais esse. A autobiografia *a la Rousseau* é uma das muitas combinações possíveis, mas, para mim, o essencial continua sendo, confesso, o pacto, quaisquer que sejam as modalidades, a extensão, o objeto do discurso de verdade que se prometeu cumprir.

A palavra “autobiografia”, aliás, que muitos suspeitam de ser sectária, vem sofrendo a concorrência de algumas expressões mais abrangentes, mais flexíveis. No fim dos anos de 1970, começou-se a falar de “relatos de vida” (é o nome do grupo de pesquisa fundado na Universidade de Nanterre por Claude Abastado, que coordenei depois de seu falecimento): a expressão tem virtudes interdisciplinares, designa um terreno comum aos literários e aos especialistas de ciências humanas: engloba a narrativa oral (que “-grafia” exclui) e a hetero- (que “auto-” exclui), sem deixar de respeitar o contrato de verdade. No início dos anos de 1980, e até hoje, outras expressões, como “escritas do eu” ou “escrita de si”, surgiram com uma função um pouco diferente, às vezes em programas de provas e concursos. Tratava-se, dessa vez, de ampliar o campo, incluindo a “verdadeira” literatura, isto é, a ficção, fazendo do pacto de verdade uma especificação secundária. Quanto à passagem, nessas fórmulas, do “eu” ao “si”, desconfo que haja aí um reflexo do pudor cristão. Pascal disse isso: “O eu é detestável.” O “si” tem um lado búdico, geral, altruísta – é mais aceitável.

Em todo caso, era necessária uma palavra para designar o objeto da associação que criei em 1992, com alguns amigos: decidimos dar nome aos bois e criar a Association pour l'Autobiographie [Associação pela autobiografia] (APA) e até, para deixar as coisas bem claras, acrescentamos “et le patrimoine autobiographique” [o patrimônio autobiográfico]. Morri de rir quando meus filhos me disseram que o resultado era a sigla APAPA.<sup>23</sup> Mas a palavra e a definição que ela implica nada tem de “teórico” e não se trata de uma complicação excessiva para especialistas em poética. Aceitamos ler todos os textos de vida inéditos que chegam até nós: autobiografias, relatos de infância, de guerra, de doença, de viagens, diários, cartas – mas desde que sejam regidos por um pacto de verdade. Descartamos as ficções e as coletâneas de poemas. Claro, acontece de ficarmos na dúvida para delimitar a fronteira. Mas existe uma fronteira. E dela dependem a coerência e o valor do acervo que constituímos.

Disse há pouco “pacto de verdade” ao invés de “pacto autobiográfico”, por quê? Talvez por excesso de escrupulo, e por remorso. O “pacto autobiográfico”, tal como o defini, supõe uma intenção de comunicação, imediata ou diferida. Mas se escrevemos apenas para nós mesmos, a expressão continuará tendo

sentido? Um diário seria regido por um “pacto”? A resposta é sim, mesmo se o pacto permanece implícito. Pois todo diário tem um destinatário, ainda que seja a própria pessoa algum tempo mais tarde. Aliás, muitas vezes o diário também começa com uma declaração de intenção. Não pretendo tratar desse assunto aqui, mas apenas constatar um fato espantoso: não abordei o diário em meus dois primeiros livros. É verdade... Melhor confessar logo: em 1971, e também em 1975, eu estava de mal com o diário. A gente não se falava mais. Tinha inclusive escolhido meu objeto de estudo, a autobiografia, contra o diário. Sabia muito bem quem era ele, tinha mantido um, era lamentável. A autobiografia era meu sonho, suspirava por ela. Fazer de minha vida algo coerente e – por que não? – algo sedutor. Por detrás do trabalho teórico, havia uma multidão de frustrações e desejos. Só me resta repetir o que dizia Valéry:

Pego desculpas por me expor assim diante de vocês; mas penso que é mais útil contar o que se sentiu do que simular um conhecimento independente de todo e qualquer observador. Na verdade, não existe teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de alguma autobiografia.

Meu próprio desejo autobiográfico explica, pois, ao mesmo tempo, o lado normativo de *L'autobiographie en France*, a escolha do projeto rousseauiano, e minha cegueira quanto ao diário. Em 15 anos, de 1971 a 1986, ampliei meu leque, passei a me interessar pelas “escritas ordinárias”, pela história oral, por outros meios de comunicação que não a escrita, pelo cinema, mas sempre conseguí evitar o diário. Isso é impressionante em *Moi aussi*, no qual, faço um panorama de meu trabalho, em 1986.<sup>24</sup>

Em seguida, tudo mudou. Depois dos anos “pacto”, vieram meus anos “caderno” – ainda continuo neles. Eu próprio voltei à prática do diário e mudei de opinião sobre ele. Redescobri seus recursos e, hoje, não estou muito longe de pensar tão mal da autobiografia quanto pensei do diário. Digamos, antes, que soubo conciliar as vantagens de ambos, neutralizando seus inconvenientes. Minha conversão de 1986 me revelou um outro campo a ser explorado. Adotei em relação ao diário um método contrário ao de meus predecessores na França (Michèle Leuleu, Alain Girard, Béatrice Didier), mas também diferente daquele

que adotara para a autobiografia. Na minha opinião, o diário não é, em primeiro lugar, um gênero literário, mas uma prática. Seu surgimento como gênero literário é um epifenômeno. Fiz duas escolhas. A primeira, terminológica. Decidi que ia estudar o “diário pessoal” e não o “diário íntimo”, como se diz habitualmente em francês. Muitos diários não são íntimos, a intimidade é um traço secundário, quer se trate da destinação ou do conteúdo. Diferentemente do que fizera em meus estudos sobre a autobiografia, não quis privilegiar um modelo particular, eviei, pelo menos espero ter evitado, ser normativo. Escolha do método, em seguida: meu procedimento foi a enquete – como fazem os sociólogos ou jornalistas. Publiquei chamadas, elaborei e distribuí questionários – método que nunca imaginara aplicar à autobiografia. É verdade que pouquíssimas pessoas escrevem autobiografias e milhões mantêm diários! É uma prática de massa, tanto na França quanto na Espanha, como demonstrou recentemente a pesquisa de Manuel Alberca (*La escritura invisible. Testimonios sobre el diario íntimo*).<sup>23</sup> Num primeiro momento, estudei o diário... sem ler diários! Depois, li diários... sem ler livros! Diários verdadeiros, escritos em cadernos... Pato por aqui: queria simplesmente mostrar como meu perfil de pesquisador mudou desde 1971. 15 anos depois, eu não era mais normativo, nem teórico.

Então, passaram-se 15 anos desde 1986, estamos em 2001, em que pé estou? Gostaria de terminar voltando a um outro ponto, que ficou em suspenso, e que é objeto de muita polêmica: o problema da história. Em *L'autobiographie en France*, remeto a uma espécie de pré-história, a tudo o que precedeu Rousseau. Em *Le pacte autobiographique*, o capítulo inicial deixa claro que a definição que proponho e as análises decorrentes dela só têm sentido no contexto moderno, mais ou menos a partir de 1770; o capítulo final analisa o que denomino “ilusões de perspectiva”: a ilusão de eternidade, a ilusão de nascimento. Estava tentando mostrar que a segunda era menos grave do que a primeira. Continuo pensando assim. Homens de grande cultura, ambos filósofos, Georges Gusdorf e Michel Onfray, pegaram na pena para provar que eu não passava de um ignorante, incapaz de ver que tudo de Rousseau já estava em Santo Agostinho ou Libânios. Acredito simplesmente que é difícil pensar o passado. Que nem tudo sempre existiu. Que certos elementos formalmente idênticos podem ter tido funções diferentes. Que as relações com o tempo,

a identidade, o grupo, a escrita variaram. E que os fatores que explicam as mudanças são múltiplos. Um exemplo: se a cultura cristã é tão favorável à introspecção, como é possível que o diário espiritual só tenha surgido no século 16? A cultura cristã não é uma totalidade... O diário espiritual só poderia surgir numa época em que o próprio diário se tornara possível. Ora, para um indivíduo, a própria ideia de anotar algo dia após dia e datar só vai surgir no fim da Idade Média. Por quê? Seria a invenção do relógio mecânico? O desenvolvimento de uma civilização mercantil? Ou, simplesmente, a chegada do papel? Estou começando a me fazer essas perguntas e como os ciclos de minhas pesquisas parecem durar mais ou menos 15 anos, deixo marcado um encontro com vocês, para dar a resposta, em 2016.

[Este texto corresponde ao capítulo “Le pacte autobiographique, vingt-et-cinq ans après”, de *Signes de vie. Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil, 2005, p. 11-30.]